

The background features two anime-style characters. On the left, a character with long, spiky blue hair and a black high-collared coat is shown in profile, crying with their hand to their face. On the right, a character with long, spiky blonde hair and a black high-collared coat is shown in profile, looking down with a somber expression. The background is a dark blue gradient with faint, repeating text 'FALTA' and 'A' in a lighter blue. At the bottom, there are glowing blue concentric circles.

PÔR DO SOL

OPERAÇÃO

117

PÔR DO SOL

OPERAÇÃO 117

NOVEL ESCRITA E ILUSTRADA
POR:

GALIMEU

POR DO SOL



LOCAL DESONHECIDO DO SEGUNDO SETOR



Faz tanto tempo desde que pensei em ver o lado de fora outra vez. O subterrâneo profundo que nasci tinha imitações medíocres do que seriam nuvens pintadas e lâmpadas que queriam ser estrelas.

O que é o céu? O que é o dia? O que é a noite? O que é o pôr do sol?

São tantas perguntas. Perdi vontade de procurar as repostas para minhas questões.

Entre as grades que prendiam meus colegas e eu, os laboratórios já não me davam medo. Não tenho mais medo de morrer como experimento, afinal, nunca vivi de fato.

— Vasculhem cada átomo desde lugar!
— Ao longe, os corredores fizeram transparecer uma voz feminina que não reconheço. O grito de ordem realçou um

fulgor que nunca vi nos olhos dos outros ratos, vulgo meus colegas de prisão que me rodeiam.

— Ajuda?! Vão nos ajudar! Estamos salvos! *Ahh!*

Um homem, que esqueci o nome, se levantou e ousou colocar os braços para fora das grades da cela que estávamos, tentando responder a quem ordenou de longe para outra pessoa. Para a surpresa de ninguém, tiros e explosões da superfície o fizeram cair num susto devido aos tremores.

É uma batalha? Um tipo de invasão? Revolução? Ou uma guerra? Para mim, tanto faz. Minha depressão reverberou com os outros experimentos ao meu lado, indiferentes de serem salvos ou não.

Ao contrário do homem que se assustou, me mantive serena. Ser salva era algo bom? O que seria de mim lá fora? O que é o “lá fora” para começo de conversa?

Para todos os questionamentos que fiz nestes anos sendo torturada, havia algo firme que respondia cada anseio e que também não se deixou assustar pelos tremores dos arredores.

O que me mantinha com uma sanidade fina, mas resistente, era aquilo que permanecia em pé em meio a sala, a minha psicóloga feita de mim mesma:

— **Não se esqueça. Não se esqueça** — soou uma voz gutural.

Claro, eu nunca me esqueci do meu fantasma; um ser que somente eu podia ver, ouvir e que atendia cada angústia minha. Apenas não tinha uma boca e sua silhueta era inconstante como uma chama ao vento.

Sua origem é... peculiar. Talvez seja a razão de ter nascido num cercado embaixo dos “campos verdes”. Condenada a uma masmorra para ser estudada por ter o que chamam de

“energia”.

Me parece ser um dom que dá habilidades sobrenaturais, um dom que me condenou à morte lenta e sofrida neste lugar.

Apenas aprendi que se o meu fantasma está parado e tranquilo, nada temerei. Se algo estiver fora da linha, apenas repito o que vejo fazer. Assim sempre me instruíram a fazer: seguir meu guia espiritual.

— Aqui! Rapazes, protejam a retaguarda!

A voz estava... mais perto. Será que... eu... comecei a ficar mais elétrica? Seria isso uma... “esperança”? Obviamente nenhuma ajuda iria conseguir nos alcançar.

Não importa o quanto tente romper as grades, somente aqueles homens tatuados conseguem desvendar o segredo da abertura delas.

Foi o que pensei antes de vê-la.

Operação 117

— Vadia desgraçada! Vou te...

— Escória.

— Tem uma agente do terceiro nível aqui! O quê?! Você? Não! Espera, eu... eu sou uma vítima também! Não... N...

Na frente dos meus olhos, vi sombras projetadas na parede lutarem entre si, uma delas era tão suave com um cabelo que parecia uma fita. Isso o que seria uma acrobata? As vozes rudes dos tatuados cessaram em lamentos. Pude apenas escutar o barulho e ver o clarão do tiro iluminar as sombras.

— Odeio ter que matar, porém, presumo que gostei de fazer exceções hoje. — A mesma voz que soltou ordens antes prevaleceu no fim. Não estava cansada ou amedrontada, existia alguém capaz de lutar contra aqueles que nos oprimiam?

— Por favor! Aqui!

O rapaz se ergueu outra vez e tentou

chamar a atenção da voz, que respondeu com passos agitados.

— Santo Deus... Time um! Sul liberado, avisem o Réviz e venham me auxiliar imediatamente — comentou a mulher, colocando o dedo numa das orelhas, parece um pedaço de plástico preso nele.

— Sim, senhora. — Pelo que acho ser um dispositivo de rádio, um homem respondeu com barulhos de disparos ao fundo.

A moça apareceu em plena vista, não consegui decifrar sua aparência, as pequenas aberturas entre as camadas das grades não permitiam uma visão clara ou... perfeita.

E daí que conseguiram matar os guardas? Nem explosões romperiam esse aço reforçado, havia um sistema de segurança complexo demais para tentarmos qualquer coisa. Acha que não tentamos? Acha que...

Meu fantasma desapareceu num piscar

de olhos.

— *Permissão.*

— O quê? — Minha voz fraca escapou.

Faíscas apareceram e um brilho amarelo varreu as celas do corredor inteiro. As grades... se retraíram apenas com uma palavra. Minha respiração acelerou e senti que realmente era esperança!

— Senhora capitã, Réviz está em posição. — Dentre um grupo de soldados que apareceu, um deles transmitiu o proceder das ordens.

— Excelente. Escoltem estas pessoas para o lado de fora comigo.

— Sim! — O grupo concordou em uníssono.

A cela começou a esvaziar, o grupo com fardas auxiliou os experimentos para fora, choravam de alegria e outros estavam desmaiados devido as torturas. E eu... estava